

A PALAVRA LATINA



“Uma campanha contra a imprensa capitalista, contra o pensamento único e pelo respeito e apoio às lutas populares legítimas em todas as suas formas: dos trabalhadores sem-terra, aos movimentos guerrilheiros, indígenas e de massas, e em defesa da revolução socialista”

A Palavra Latina é o órgão de comunicação impresso fruto da parceria entre a Associação Cultural de Educadores e Pesquisadores da Universidade de São Paulo e a Sociedade Latina de Imprensa

Ano 1 - número 03 - São Paulo Setembro/Outubro de 2004 DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



Associação Cultural de Educadores e Pesquisadores da Universidade de S. Paulo

Chávez: Triunfo do Povo Venezuelano



Classes médias universitárias respaldam o terrorismo internacional

Editorial na Pág. 2

125 anos de Emiliano Zapata

Pág. 5

Governo colombiano aplica tática do terror com apoio dos EUA

Pág. 6

Campanha contra o monopólio da imprensa capitalista

A Palavra Latina é um projeto jornalístico crítico na contra-mão do pensamento único vigente largamente difundido pela imprensa conservadora e suja. O Jornal foi viabilizado pela parceria entre a Sociedade Latina de Imprensa e a Associação Cultural de Educadores e Pesquisadores da Universidade de São Paulo.

A ACEPUSP é uma entidade política criada e gerida por alunos e ex-alunos da USP que desenvolve projetos de difusão cultural e socialização do conhecimento, através de cursos, seminários, debates, manifestações artísticas e comunicação social.

A Sociedade Latina é um agrupamento militante latino-americano unido pela defesa da identidade cultural e política da nossa América. É um projeto de comunicação e reflexão, cujo intuito é a difusão da história, cultura e pensamento destes povos irmãos, que são apenas uma nação. Aglutina escritores, cientistas, jornalistas e artistas em torno do ideal da liberdade e da diversidade humana.



Manifestação em apoio à Revolução Bolivariana em São Paulo

Não foi Lula quem fez do Brasil um país dependente

Pág. 5

MST e a guerrilha cultural

Pág. 4

Leia e Divulgue A Palavra Latina

A Palavra Latina é distribuída na Universidade de S. Paulo, na PUC, no Centro Cultural de S. Paulo, no MST-SP, na Central de Movimentos Populares, na Biblioteca Mario de Andrade e nas sedes do PT, PSOL e PSTU.

Depósito de exemplares: Espaço Cultural da Consolação, Rua da Consolação, 1905 - São Paulo. Telefone: 3231-0692.

Redação: Cidade Universitária, Butantã - S. Paulo, CRUSP, bloco F, térreo, sala 17. Telefone: 3091-2307.

Cultura

Revolução Sexual e Geração Descolada

Pág. 9

Cinema: Fahrenheit mostra a guerra como negócio

Pág. 11

Conto: a orgia da borboleta

Pág. 12

Reflexões: O Peso da Vida

Pág. 6

Arte: a luta do ator

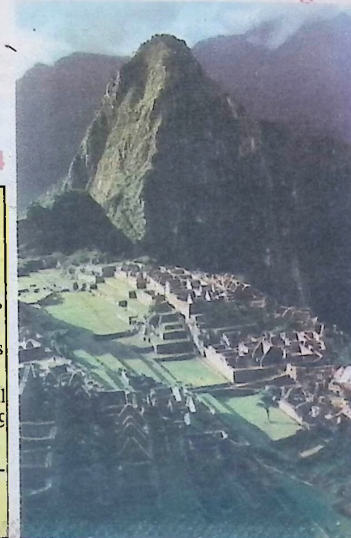
Pág. 12

E mais: curtas da terrinha e notas do mundo

Pág. 6

Macchu-Picchu: um patrimônio ameaçado

Pág. 10



Por que é que foram matar a beleza?

Enquanto as classes médias, ou o que restou delas, escondem-se dentro de seu pequeno mundo cercado de muros condominiais e enjaulam sua prole na penumbra de modernos carros com vidros escuros, tal qual animais selvagens com medo da *Luiz*, enquanto os homens exercem seus poderes de consumir e consumir e consumir e vomitar, a barbárie suplanta qualquer possibilidade de beleza e se instaura dominadora em cada rincão do planeta, nos seios das decadentes cidades que erguemos às custas das centenas de crianças russas assassinadas brutalmente, que também estão nas Áfricas, na Palestina e mesmo no centro de São Paulo. Fundamentalistas, mafiosos, democratas, fascistas, republicanos, policiais civis e militares... não há religião que justifique, não há Deus não há Alá, não há guerra étnica, não há oposição democrática! Há sim luta de classes, há uma só guerra de classes.

E a culpa? É urgente localizarmos algumas pistas... Tortura contra afeções e iraquianos, morte cruel de centenas de crianças na Ossétia, muro da vergonha que separa os ricos judeus dos pobres palestinos – a simples aritmética prova isto. Na fronteira mexicana, outro muro isola os “selvagens cucarachas latinos” das oportunidades das terras dos caubóis mafiosos do Norte...

Não é possível que sejamos tão cegos e, se assim for, talvez mereçamos mesmo o fim trágico que os Estados Unidos preparam para a humanidade. Será que os insanos irresponsáveis do império não percebem o ódio crescente que se acumula contra eles? Será que não se dão conta de que não se pode incumbir o ser humano a seguir sobrevivendo nestas condições, em que as vantagens de se morrer reivindicam-se superiores ao milagre da vida? Em recente pesquisa internacional, constatou-se que em 30, de 35 países, o sentimento anti-inque está intrinsecamente presente na opinião do povo.

Hoje é melhor morrer e levar trezentas crianças consigo, que prosseguir humilhado. Foi esta a grande vitória da Rússia pós-soviética! Parabéns à modernidade! Agora, como os ianques, os russos podem se orgulhar de terem um Estado Democrático, definitivamente, e reconhecido pela Fundação Decrépito Carter.

Os governos e as salsichas, sabemos de que escórias germinam. Sim, mas há que se encontrar outros culpados, antes que o caos confirme a triste sentença a que parecemos predestinados – o fim da história. Quem são os culpados “de base”? Observemos esta parcela triste e fútil da sociedade, chamada classe média, da galera cabeça, das minas descoladas, do consumo “responsável”, da vida “clean”, “in” e “on line”, a geração *orkut*.

Quanto individualismo, quantas tribos, quanta mentira... emprego estável, paletó, casamento, novela e compras no chopicenter... depois: prá casa, que a noite está cada vez mais cheia de “marginais” mas que linda é a cor do novo celular... quantas luzinhas acende...

Atentemos à culpa da classe média apodrecida de valores, que se esconde da

responsabilidade dentro de seus grandes carros com vidro fumê, antecipando a escuridão final. Não há mais arestas a aparar, há que se quebrar e esmigalhar cada caco desta cerâmica maldita.

A existência de órgãos como a Folha de São Paulo e o Estadão são uma vergonha para um povo. Na manhã posterior ao democrático massacre russo, estes infames jornais estamparam na capa a mesma foto dramática de uma mãe olhando o filho morto. Sequer originalidade eles têm. A foto das capas, tirada por um sanguessuga da *Reuters* era realmente boa para as vendas, de uma beleza eslava. Abaixo se falava de futebol, mercado e outros assuntos – normalmente prioritários nas pautas destes meios.

A revista *Veja*, como a Rede Globo dispensam comentários: apoiariam facilmente a volta das câmaras de gás para eliminar o perigo comunista. Inclusive, ultimamente, com a quebra do sonho capitalista e o crescimento exponencial das insatisfações, a corja geral grande imprensa não se cansa de tomar páginas e mais páginas para criticar o “horror” da teoria socialista científica. Chegaram mesmo a sugerir que os comunistas foram os culpados, em última instância, do massacre da escola russa... Maldito petróleo do Cáucaso!

Mas se a imprensa suja e os governos são o que são, não pode-nos jamais esquecer de que é a classe média que os respalda, é a classe média que tem estudo e que forma a opinião pública. Não há meias palavras. Culpados são os que podem ler, escrever, trabalhar e opinar, mas que não o fazem com responsabilidade coletiva, mas que somente pensam no seu próprio rabo, no seu próprio prazer e conforto. Basta medirmos a quantidade de portões que separam os lindos e sempre limpos cômodos dos belos bairros de todo o lixo real que é a cidade moderna. Basta repararmos no tamanho dos carros gigantes que carregam dentro de si um mísero egocêntrico em detrimento da fluidez do tráfego infernal.

Enquanto ainda houver cretinos que se ocultam sob os véus de cristãos, judeus, islâmicos, liberais ou democratas para justificar a intolerância e esconder a luta de classes, prevalecerá a barbárie. A preocupação social se limita hoje a apenas uma forma de auto-promoção do ego perante a platéia dos olhos de plástico das palestras e dos coquetéis.

Paz e humilhação não podem coexistir. O fim se mostra vermelho. Que a estupidez humana não faça com que a tinta seja de sangue. Ousaram roubar até o *Grito* de Munch....

Mas não nos roubarão o grito da garganta. Antes tombará o último cadáver humano, no oco do ser e da beleza. E neste dia, no mesmo solo sujo jazerão também os filhos da covardia média, seqüestrados de dentro de seus grandes carros de vidros escuros, e assassinados por um menino de 7 anos, que não era culpado, chamado, quem sabe, Jesus.



Crianças: alvo frágil da desmedida ambição humana

A imensa casa cor de rosa ao fundo da Plaza de Mayo está cercada por grades de ferro. As ruas fechadas. Há duas horas todas as lojas da Avenida de Mayo baixaram suas portas de aço.

Com os olhos fechados para o que está prestes a acontecer, se podem ver alguns escritos pichados nas pálpebras de ferro, de outras manifestações. Todo o centro da cidade se prepara para a “invasão piquetera”. Seguranças recolhem as bandeiras da Argentina – onipresentes nas ruas e lojas – como se tivessem vergonha do país moreno que irá tomar as ruas do centro. Com as bandeiras também se foi o sol. Meu corpo está tenso, não sei se pelo frio absurdo ou se pela memória da violência e do confronto que me custa abandonar. Bem ao meu lado, fotos de manifestações anteriores estão à venda: sangue e cabeças rompidas.

O dia hoje está tomado pela memória dos que lutam para não esquecer e para não serem esquecidos. Há 2 anos, neste mesmo 26 de junho, foram executados dois garotos, Dário Santillan e Maximiliano Kosteki, o “Maxi”. Desde ontem à noite as organizações piqueteras estão acampadas próximas ao lugar do assassinato, a *Ponte Pueyrredon*, na entrada da cidade. É nesse mesmo lugar que ocorrem os preferidos “*cierre de calles*”, que param toda a cidade. Hoje, a exatos 12h05, recordou-se o que ficou conhecido como o *Massacre de Avellaneda*: entre muitos feridos a golpes e balas de borracha em uma manifestação, dois foram mortos por balas de chumbo.

Até agora na Plaza de Mayo circulavam turistas e milhares de pombos, junto com veteranos da *Guerra das Malvinas* que acampados há semanas insistem em outra memória que o argentino médio quer esquecer.

Uma explosão forte e os pombos levantam em revoadas. O morteiro anuncia

a chegada de um imenso caminhão de som, ladeado por pequenos blocos de mais ou menos cinco jovens, com “chalecos” (coletes) que identificam os piqueteros e a organização de que fazem parte. Trazem pedaços de pau nas mãos e máscaras na cara, e me fazem lembrar de todos aqueles que têm que cobrir o rosto para serem vistos.

Agora chega a marcha, às 14h30. Um arripio me passa o corpo, pode ser o frio ou a emoção que depois me colocou lágrimas nos olhos. Por detrás dos batucos e fogos de artifício aparece a família dos assassinados, carregando uma imensa faixa celeste e branca, pedindo justiça. Por mais ou menos 40 minutos não para de chegar gente à Plaza de Mayo. Distintos blocos de diferentes organizações e bairros da

Piqueteros, carajo!

periferia de Buenos Aires chegam com bandeiras e batucos de lata. A frente de cada bloco, uma linha armada com paus e rostos cobertos. Logo atrás estão homens, velhos e velhas, mulheres com carrinhos de bebê e crianças. E vão cantando o contagiante: “*Piqueteros, carajo!*”

Começa o ato com um aplauso para os veteranos das Malvinas. Quase todos se sentam no chão ou nos canteiros da praça e abrem as sacolas com comida, tiram os peitos para fora para amamentar seus bebês e preparam o mate. Instantaneamente aparecem carrinhos que vendem cachorro quente e hambúrguer.

Em pé permanecem as pessoas com coletes, são responsáveis pela segurança. Trazem um lenço no pescoço que serve também para cobrir a cara e um pedaço de pau na mão. Irma Prullonosa é uma delas, faz questão de me explicar sobre os assassinatos. Uma mulher bonita, de cabelos pretos e encaracolados, olhos com traços indígenas e uma postura carregada de dignidade. Para os companheiros do Brasil, insiste “*No bajen los brazos, sigan luchando, porque la lucha de uno es por el derecho de todos*”.

No microfone, um senhor repete pela última vez neste dia o porquê de estarem todos ali: “*Por justicia, por la punición ejemplar de los responsables materiales, políticos e ideológicos del Massacre de Avellaneda*”. E encerra o ato – que também finaliza mais esta jornada de lutas pelo não esquecimento – com o chamado para um grito.

Ao mesmo tempo em que gritam todos, um garoto estampa com um *spray* um registro dessa memória nas paredes do Cabildo, sede do governo colonial na cidade:

- Dário y Maxi. ¡Presentes!

Enquanto isso

Não muito longe dali é assassinado Martín “El Oso” Censerios, uma liderança de FTV (Federación Tierra e Vivienda) e coordenador de um “*Conedor de Pibes*” (restaurante popular) do bairro da Boca. O assassino é bem conhecido por suas ligações com a polícia local.

[pesquisadora em Comunicação / USP]

A PALAVRA LATINA

Edição Geral: Yuri Martins Fontes, Cassiano Novais e Waldo Liao.
Conselho Editorial: Lincoln Secco, Cesar Cordaro, Ivan Leichsenring, Marcelo Min e Leandro Yunis.

Fotografia: Marcelo Min, Xico da Silva e Yuri.

Revisão: Yuri, Waldo, Cassiano, Leandro e Marina Cruz.

Diagramação e Arte: José Mário Cândido
jmc 2003@ig.com.br / Cel: 9386-5601

Correspondência e Exemplos:

Tel.: 3091-2307 ou 3231-0692
apalavralatina@grupos.com.br

Materiais assinados são de responsabilidade de seus autores.

Tiragem desta edição: 6.000 exemplares
Periodicidade bimestral

VENEZUELA: A IMPORTÂNCIA DA REVOLUÇÃO BOLIVARIANA

por Cesar Cordaro*

Os meios de comunicação – televisão, rádio, jornais e revistas – porta-vozes dos interesses dominantes, têm assumido uma postura ostensivamente reacionária e unilateral no que diz respeito ao processo político pelo qual passa a Venezuela. Excluem-se, desse rol, segmentos da imprensa alternativa.

Essa postura manipuladora, subordinada aos interesses do grande capital, é extremamente nociva, pois impede uma compreensão e uma avaliação mais objetivas, pela opinião pública, da real importância do que se passa naquele país vizinho, onde se busca construir uma alternativa ao neoliberalismo.

Hugo Chávez foi eleito presidente da Venezuela em 1998, com 56% dos votos, derrotando as oligarquias locais e os partidos tradicionais que, no poder há 40

anos, deixaram o país a mergulhado numa profunda crise, com 70% da população em estado de pobreza absoluta.

Nesse período, em razão do ingresso de divisas provenientes da exportação de petróleo, a Venezuela teria recebido recursos equivalentes a 15 Planos Marshall – sendo que com apenas um Plano se pôde reconstruir a Europa, destruída na II Guerra Mundial. Todavia, neste país, esses recursos foram surrupiados, através de um sistema altamente corrupto, destinado a engordar algumas das maiores fortunas do mundo, enquanto a maioria da população era lançada na miséria. Essa situação ruínoza agravou-se com a submissão às imposições do FMI, a cujos planos se submeteram docilmente os governos anteriores – notadamente o do “socialdemocrata” Carlos Andrés Pérez.

Chávez elegeu-se com um programa de transformação social, que objetiva tornar a Venezuela um país mais justo e menos desigual. Seu projeto de luta, por justiça, igualdade e liberdade, tornou-se a última esperança do povo para superar o estado de miséria em que vivia. Esse projeto, inspirado nos grandes libertadores latino-americanos, foi denominado Revolução Bolivariana.

Seu principal inspirador é Simon Bolívar (1783-1830), líder do processo revolucionário que resultou na independência da Venezuela, Colômbia, Equador, Panamá, Peru e Bolívia. Bolívar, denominado “O Libertador”, já no Século XIX, vislumbrou a necessidade da integração latino-americana e alertou para o perigo da expansão dos Estados Unidos, que levaria a miséria à América, em nome da liberdade. Além disso, posicionou-se contra a escravidão e foi defensor dos ideais da democracia, que concebia como um sistema político capaz de dar a máxima felicidade ao povo.

As primeiras medidas de Hugo Chávez, na presidência, foram dirigidas à construção de um amplo apoio internacional à Revolução Bolivariana, através da busca de integração com os demais países da América do Sul e do Caribe (incluindo Cuba). Privilegiou, também, as relações com os países da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), organismo da qual a Venezuela é fundadora. Na qualidade de terceiro maior fornecedor de petróleo dos Estados Unidos, soube manter esta importante relação comercial, sem perder de vista a soberania e o interesse econômico de seu país. Recebeu importante apoio do Brasil – a partir do Governo Lula – tendo ingressado recentemente como membro do Mercosul.

No plano interno, convocou uma Assembleia Constituinte e aprovou uma Constituição, fixando novas



Hugo Chaves vence mais uma

O processo revolucionário de hoje deve ser pensado mais como uma maratona do que como uma corrida de 100 metros rasos. Partir com o ímpeto de uma corrida de 100 metros é a fórmula mais segura para ser derrotado: as forças se esgotarão antes que haja chegada à meta. A atual correlação de forças, em nível mundial, obriga a avançar em forma lenta para poder alcançar os objetivos estratégicos. O importante é que se avance e que nesse lento caminhar se vá construindo o processo revolucionário, porque só ele logrará garantir o triunfo definitivo da revolução

(MARTA HARNECKER, “Venezuela: Una Revolución Sui Géneris”).

Como era de se esperar, essas medidas desagradaram as oligarquias que, ao se sentirem ameaçadas, desencadearam uma série de tentativas golpistas, objetivando desestabilizar o Governo e afastar Hugo Chávez. Manipulando os meios de comunicação (rádio, televisão, jornais e revistas), iniciaram um processo de desmoralização do Governo, através da divulgação de notícias distorcidas e manipuladas. Para tanto, contam com o apoio da rede estadunidense CNN.

Em dezembro de 2001, inicia-se a articulação de um golpe militar, protagonizado por setores patronais, aliados à Confederação de Trabalhadores da Venezuela e à alta hierarquia da Igreja Católica. O golpe tem seu desfecho em abril de 2002, quando Chávez é aprisionado e é divulgada sua renúncia. Pedro Carmona, o mais alto executivo do país, assume a presidência e decide revogar a nova Constituição. Ao saber que Chávez estava preso e não renunciara, a reação popular foi imediata: o povo saiu às ruas, mobilizado, e exigiu a libertação do presidente. O processo foi desmascarado. Ao lado dos golpistas, estavam os embaixadores da Espanha

e dos Estados Unidos.

Hugo Chávez saiu fortalecido desse processo, tendo reassumido a Presidência. Porém, os golpistas não desistiram. Exigiram a convocação de uma consulta popular – prevista na Constituição – destinada a avaliar se o presidente permaneceria no governo, ou não, completada a primeira metade do seu mandato.

Antes mesmo de se chegar no momento previsto, os golpistas iniciaram o processo, apresentando milhares de assinaturas, cuja autenticidade foi questionada, em razão dos métodos suspeitos de coleta. Ao lado disso, promoveram manifestações, infiltrando elementos provocadores – o que resultou em mortes – pretendendo atribuir a responsabilidade ao governo. Realizaram paralisações, iniciadas pelo setor patronal (lockout); fizeram boicotes nas refinarias de petróleo, procurando comprometer a produção e o transporte do produto.

Tudo isso, enfim, foi em vão. Realizado o referendo popular, com o acompanhamento de organismos internacionais, Chávez saiu vitorioso.

Mais uma vez os golpistas foram derrotados e, inconformados, buscaram desqualificar o resultado do pleito, preparando-se para futuras investidas.

Mas a resistência popular a essas investidas passou a ser um elemento concreto.

Isso porque as vitórias obtidas pela Revolução Bolivariana estão intimamente ligadas à capacidade que teve o governo de resgatar a confiança e o apoio popular. Mas, mais do que isso, elas foram possíveis graças à ampla mobilização que se viabilizou a partir da deflagração do



Povo em massa vai às urnas pela defesa de seu governo popular

processo de organização popular, realizado através do Movimento Revolucionário Bolivariano, com a criação dos chamados “Círculos Bolivarianos”.

Através desses círculos, as pessoas foram chamadas a se organizarem em pequenos grupos para divulgar a Constituição e realizar tarefas concretas: debater e responder às

necessidades locais, formar cooperativas, conseguir créditos em bancos etc. Os Círculos Bolivarianos são instrumento de democracia participativa que permite às comunidades assumirem um papel ativo na construção da sociedade, com participação nos assuntos do Estado, baseada em direitos, deveres e garantias constitucionais e no exercício pleno da cidadania.

Essa organização do povo tende a evoluir de modo a se constituir em comitês de defesa da revolução.

O êxito do processo político, que vive a Venezuela, é de fundamental importância. Representa uma alternativa de esquerda, que conjuga a prioridade do social com a soberania política. É importante também como perspectiva de integração e de independência da América Latina, com vistas a um desenvolvimento fora do âmbito de dominação das grandes potências.

[fontes: “Venezuela: Una Revolución Sui Géneris”, M. HARNECKER; “La Conspiración Contra Chávez”, IGNATIO RAMONET; “Lições da Venezuela”, EMIR SADER.]

*[procurador do Município de S. Paulo]

MOVIMENTO DOS SEM-TERRA

Se o senhor não está lembrado, dá licença de eu contar...

por Arnesto

A cultura é o que se faz e o que se deixa de fazer, o que se vê e o que não se vê. É modo de ser, de estar, de viver e de conviver. Se expressa na música, na comida, na roupa, no modo de falar, na arte, na festa, mas é muito mais que isso, é todo o sentido que damos à nossa vida. Cultura é o debate do cotidiano e do surreal no cotidiano. É como encaramos as situações que a vida nos coloca. Firmeza. A cultura não é somente arte. Cultura é arte de viver. Não é somente produção e consumo de livros, jornais, discos, filmes, quadros, etc... Sabemos que é cultura a criação de qualquer espaço de encontro entre homens e mulheres e também todos os símbolos da identidade e memória coletiva: testemunhas do que somos, as profecias da imaginação, as denúncias sobre aquilo e aqueles que nos impedem de ser.

No neoliberalismo, última versão do poder do dinheiro, não há espaço para nenhuma cultura que não seja a "cultura do dinheiro" e suas subculturas: individualismo, consumismo e conformismo. A cultura do dinheiro é passada mais obviamente através da voz sebosa dos artistas vendidos, dos jornalistas mentirosos e dos intelectuais traidores. Mas também nas fábricas e locais de trabalho, na voz de chefes mesquinhos e gerentes frustrados; pelo Estado, na voz da polícia sanguinária e funcionários corruptos; pelos partidos políticos, na voz de candidatos e políticos hipócritas; pelas igrejas, na voz de bispos e líderes aproveitadores; por instituições, através de gestores mandriões e ideologia do dinheiro sempre dando seus eternos recados: "ter e parecer é melhor que ser e fazer", "só o dinheiro traz a felicidade", "ou você explora o próximo ou o próximo é você" e "não faça política, deixe que a façam por você".

Quem conhece o MST sabe que nossa luta não pára na terra. Lutamos por terra, liberdade, cultura e dignidade. E um dos latifúndios mais nocivos e improdutivos do país é o latifúndio da cultura, simbolizado pelo latifúndio da mídia, que só reparte mentira, ignorância e imbecilidade. E essa luta, muito mais do que a reforma agrária, não é somente dos trabalhadores rurais e sim de todos os brasileiros já cansados de tanta miséria cultural e controle mental aplicados pelos donos do dinheiro.

Projeto guerrilha cultural

A proposta é criar uma rede, de baixo para cima: local, estadual, nacional e internacional. Nesta primeira fase, construir e estimular células dessa rede que funcionem com autonomia para suas ações e que continuem a contactar outros grupos, movimentos, bandas, organizações e até partidos que queiram se incorporar na luta contra o neoliberalismo e a "cultura do dinheiro".

Posturas

1) A guerrilha cultural está antes de tudo



Acampamento em Cajamar: há latifúndios até na Grande SP

no cotidiano e no íntimo, ou seja, em nós mesmos.

2) Parar de sermos meros espectadores e tornarmos atores sociais.

3) Construir não apenas uma ideologia, mas um projeto imaginativo e poético em constante mutação. Socialismo "brasuca".

4) Nos alimentar das partes nutritivas das velhas ideologias, cagar o resto indigesto. Expropriar idéias! Comunismo para as verdades!

5) A realidade é complexa. Vamos nos prevenir contra o reducionismo e estar abertos ao incerto, misterioso e esquisito.

6) A cultura deve ser a expressão de um sujeito digno. Não permitir que se converta em objeto de consumo.

7) Reivindicar o espírito do sarro, da poesia subversiva e da mística revolucionária. A guerrilha cultural não é pra qualquer um, tem que ser malandro para ficar de pé e fazer gol.

8) Libertar das amarras do consumismo o verdadeiro samba, o reggae, o forró, o funk, o hip-hop, o punk, o rock, o maracatu, etc... E ainda a literatura, o teatro, o cinema, o esporte... Revolução Mental: para revelar o sofrimento e a rebeldia.

9) Ocupar, tomar, abrir, arrombar, descobrir ou libertar espaços de todos os tipos, para a livre manifestação cultural, artística, política, educativa, etc...

10) Irmanar os artistas revolucionários, educadores militantes e intelectuais honestos. Criar uma rede alternativa para distribuição e intercâmbio dos materiais culturais produzidos em diversos lugares. A cultura é nossa, estrutura reforça, RAP é compromisso, como missel, destrói!

11) Construir mecanismos de informação alternativos frente aos monopólios da mídia massiva. Rádios comunitárias, internet, fanzines, jornais, sons, escolas, comunas, posses... Debater a realidade brasileira, latino-americana e mundial. História pra frente!

12) Instaurar o prêmio *Torta nas Caras* para as piores manifestações da mídia do dinheiro, reportagens escrotas, programas mentecaptos, etc...

13) Para que esses pontos não se tornem mera especulação, teríamos que trabalhar uma mudança de atitude que conduza a um espírito de união, que supere preconceitos mesquinhos mas enraizados como racismo e sexismo, ou falsos conflitos ideológicos importados, tipo "anarquistas não trabalham com comunistas", etc e tal. Essa mudança de espírito deve realmente nos levar a reconhecermos todos como *seres humanos iguais*. Firmeza, União, Lealdade, Humildade e Procedimento. [Núcleo de Cultura Popular Adoniran Barbosa MST - Regional Grande São Paulo / Brás]

Palestina

por Celso Julio*

Muro da Vergonha

A nova arma do Imperialismo

O imperialismo europeu e suas faces - o colonialismo e o orientalismo - desde sua origem no século XIX, e somando-se às tradições das cruzadas feudais, vêm oprimindo minorias étnicas não-européias e minorias religiosas não-cristãs, tanto interna como externamente a seu território, e hoje agride especialmente o povo muçulmano árabe.

O colonialismo europeu se expandiu para a América, Ásia e África e atualmente interfere através das forças anglo-ianques, lideradas por Bush, no Iraque e no Afeganistão, e atua também apoiando o terrorismo sionista na Palestina. Estas intervenções quebram a soberania de países periféricos dependentes (Oriente Médio e Ásia Central) através de atuação econômica e militar.

Os séculos de perseguições antissemitas (árabes, ciganos e judeus) na Europa, as Cruzadas da Idade Média feudal, a Inquisição Católica (séculos XV e XVI) e as recentes Guerras Mundiais do século passado geraram imigrações humanas. Estas imigrações aconteceram para regiões distantes e não européias. Estes fluxos migratórios, frutos da intolerância eurocêntrica, criou novas populações: como nas Américas os brancos-caboclos que não reconhecem os direitos dos nativos, na África os boêres com a mesma atitude e no Oriente Médio os israelenses (pós-1947).

Essas contradições internas do sistema capitalista vêm sendo alimentadas por séculos de guerras, bloqueios econômicos e genocídios, e estes fatores são o legado que os povos não-europeus receberam, na tentativa de integrar-se, ou trocar mercadorias e produtos com esses países centrais, ou de simplesmente serem tradicionalmente hospitaleiros, como no caso árabe-palestino.

A insanidade ideológica do preconceito promove a eliminação de seres humanos, que nem sequer tem consciência crítica e meios políticos para sobreviver neste "tabuleiro de xadrez" que é o Oriente Médio. Neste cenário se encontra a Intifada Palestina - com crianças, mulheres e homens mal-armados - e tem como antagonista as Forças de Ocupação Israelenses.

A guerrilha palestina está em processo avançado de "belicoidade

de Estado". De um lado o sionismo visa construir o "sonho de Israel". Do outro lado vemos o "pesadelo palestino" - dos filhos de Ismael: casas destruídas, escolas fechadas e crianças deformadas pela guerra. A construção do "muro da vergonha" faz parte do programa político de Sharon - primeiro-ministro de Israel - e foi batizado como "Fora-do-Mapa". As estruturas deste projeto absurdo vêm destruindo as seculares culturas de oliveiras - mais de 105 mil já foram derrubadas.

O "muro da vergonha" é ilegal, e já foi determinada a sua destruição, pela ONU. Mas ele ainda está sendo construído. A importância desta estrutura tem mais objetivos políticos do que de segurança. Segundo Ma'rouf Zahram - prefeito da cidade de Qalqilia, o objetivo é anexar territórios e incentivar a emigração de palestinos para outros países. O muro suprimirá a possibilidade de sobrevivência de muitos palestinos, pois, desta forma, terão sua economia desestabilizada. Haverá também a imposição do toque de recolher, limitando o acesso dos palestinos até mesmo à água e outros recursos básicos.

A estrutura do muro de concreto tem oito metros de altura e três de largura. A cada meio quilômetro apresenta uma torre de controle com doze metros e com soldados em turno de vinte e quatro horas. Exige-se uma distância de trinta a setenta metros de campo visual livre - sendo este o argumento para a "limpeza do cenário", ou seja, uma tentativa de "deletar" praticamente a presença palestina no território ocupado.

Estas agressões brutais condenam a população palestina à exclusão social e limita o seu trânsito físico, segregando-os geograficamente. Estas atitudes de desrespeito para com o "adversário" não são tradição dos povos árabes e semitas. A luta contra o muro é legítima pois implica no resgate da autonomia e soberania de um povo.

Para concluir eu apelo para a opinião pública brasileira e a toda a sociedade civil, em toda a sua instância, que apoiem a luta do povo palestino para a construção de um Estado Palestino sob governo Palestino.

Brasil

Os Limites Estruturais do Governo Lula

por Lincoln Secco*

"Os governos não são os verdadeiros senhores da vida econômica". (Fernand Braudel)

As economias movimentam os espaços, removem fronteiras, eliminam distâncias. Cabe à política impor limites. Por isso, a política econômica foi vista como a arte de promover a acumulação capitalista dentro de bases institucionais que tornassem os imperativos do capital socialmente aceitáveis, especialmente na segunda metade do século XX. Promoveu-se, assim, o pacto social conhecido por "welfare state" (estado de bem-estar social). O "moinho satânico" (Karl Polanyi) foi controlado tanto pela ação de forças de esquerda, quanto por uma reação espontânea da sociedade.

"Lula não criou a dependência brasileira"

Isto foi feito principalmente (e com graus diferentes de qualidade) sob a social-democracia na Europa. Sob forças chamadas populistas, na América Latina. Sob os partidos comunistas no Leste Europeu. Mas o consenso era tão forte a respeito do intervencionismo estatal que mesmo a Democracia Cristã, na Itália, e outros governos de Direita europeus não conseguiram abolir o "welfare state".

A situação se inverteu depois da chegada do neoliberalismo ao poder. Essa "revolução neoliberal" foi interpretada de maneira limitada apenas como uma mudança de política e não dos próprios fundamentos da política. A globalização do espaço econômico mundial enfraqueceu Estados Nacionais, principalmente os periféricos. Fortaleceu os mercados, mesmo em detrimento de muitas empresas. E desregulou os fluxos financeiros internacionais.

Nesse quadro difícil

Lula fez suas opções. Mas foram escolhas integralmente livres? Ele traiu a confiança popular? A hipótese fácil da traição da direção do PT pode ser sedutora. Mas está errada! Se há indivíduos que se locupletam no governo, pode-se argumentar que mesmo governos revolucionários convivem com tráfugas. E com muita facilidade, dada a ausência momentânea de uma legalidade que as revoluções sempre provocam.

A questão sobre o governo Lula é outra: a sociedade brasileira estava preparada para a real alteração do modelo econômico? É difícil responder. Os intelectuais precisariam mobilizar mais que a imaginação sociológica para resolver tal dilema. Pois só a história nos mostrará se essa modalidade liberal de globalização será substituída por alguma outra e se governos de esquerda poderão voltar a governar à esquerda!

Mas hoje o que um governo como o brasileiro pode fazer? Dentro de restrições orçamentárias ditadas pelos compromissos com o FMI e pela manutenção de um alto superávit primário, o governo Lula optou por fazer reformas capazes de agregar maiores em torno da criação de um ambiente de negócios estável e favorável ao capital. Os críticos ainda não conseguiram apontar alternativas globais, somente erros pontuais.

Afinal, haveria coesão interna no Brasil para um projeto de ruptura com o mercado mundial e a implantação de um modelo socialista? Seria possível ao menos um capitalismo autárquico nas modernas condições da globalização? Ora, os historiadores sabem que a internacionalização dos capitais é um fenômeno já de alguns séculos. E que o traço estrutural da história brasileira é a dependência do centro do sistema, mesmo mantendo e promovendo a abertura de centros internos de decisão e algum grau de diferenciação produtiva.

Lula não criou a dependência brasileira. Nem a posição pouco significativa do país no comércio internacional. Talvez esteja aprendendo que os governos podem pouco diante dos ciclos de acumulação de capital.

*(professor do Departamento de História da USP)

México: Zapata

"125 anos de um caudilho (1879-1919)"

por Waldo Lao*



Reberdes Zapatistas: numa comunidade autônoma

Dizem que nasceu cavalgando, deslizando entre o milharal de seu pequeno povo natal *Anenecuilco*, ao sul do México. Zapata, um homem de poucas palavras e de olhar calado, falava e andava com a linguagem do revólver. Entre seus passos longos, dá voz a um povo esquecido, afirmando: "a terra é de quem a trabalha", e é sob esse lema que organiza e une milhares de peões num exército, em sua maioria de indígenas. E que se pese estarem mal armados e mal alimentados, o número de rebeldes crescia ao caminhar entre a fome de terra, alimentados pelo direito do povo em defender o que é seu, em ver o milho crescer na luta pela "terra e liberdade".

Foi no Estado do Morelos que Zapata agitou com esse ar revolucionário, uma insurgência contra o governo oligárquico que por mais de três décadas havia sido estabelecido pelo ditador Porfirio Díaz (1877-1911). Este era o regime em que os latifúndios se expandiam profundamente pelas terras, rios, bosques e pelas entranhas de uma nação colocada na margem e no esquecimento da sua história. Era necessário levantar a voz, as armas, reivindicar e repartir as terras entre seus verdadeiros donos; fazer, pois, a reforma agrária.



Em 1906, Emiliano Zapata participou na cidade do Cuautla, numa reunião em que se discutia a defesa das terras dos camponeses morelenses; quatro anos mais tarde, levaria aquela iniciativa ao campo da insurreição. Em 1910 começaria a Revolução Mexicana, em que o líder e suas tropas se uniram às de Francisco Ignacio Madero, um caudilho que lutava contra o regime porfirista. No ano seguinte, esse último assumiria a presidência e formularia seu próprio programa de reforma agrária, tratando desta maneira Zapata, que voltou ao sul mexicano e reuniu mais tropas.

Em 1914, Emiliano Zapata uniu-se à revolução com Francisco (Pancho) Villa, líder revolucionário do norte, e com ele cavalgava pelas ruas da Cidade do México. Contudo, Zapata era um homem rural, não suportava estar entre os muros de uma cidade que lhe punha mais margens do que alternativas; e no mais, não desejava se sentar numa cadeira presidencial para tirar uma foto.

E foi assim que, um ano depois, voltaria novamente às suas terras, onde continuaria defendendo suas posições. Nesse mesmo ano, um presidente constitucionalista, Venustiano Carranza (1914-1920), assumiria o poder, e sentindo-se ameaçado pelas tropas do caudilho do sul, organizara-lhe uma emboscada. Em 10 de abril de 1919 soariam as carabinas oficiais anunciando a morte de Emiliano Zapata, traído e assassinado pelas costas, a balas.

Inspirador de muitas músicas populares, de inúmeras lendas e histórias, Zapata foi um homem de imagens e mudanças. Nasceu debaixo de um grito de "já basta", de um canto que hoje é recordado: "Zapata vive, a luta segue". E é assim a voz dos seus, daqueles que ficaram em silêncio por mais de 500 anos, dos que esperam o dia e buscam a noite. Um líder nasce muitas vezes e morre outras tantas, em rincões e em circunstâncias distintas.

Deste modo nasceu o líder revolucionário, só que agora não foi em Morelos, o estado natal de Zapata, mas em Chiapas, o estado mais pobre, no sul do México. Zapata é o símbolo que resiste por detrás dos capuzes do mundo.

*[Esc. Nacional de Antropologia e História / México]

(Tradução Ivan Leichsenring)

Perversidade presidencial e jornalística

por **Dominico Nadal***
(de Bogotá)

Se algo mostra a perversidade do presidente narco-paramilitar Álvaro Uribe, é a posição que adota frente à morte dos colombianos. A acusação de perverso está sustentada na ausência de culpa que manifesta quando vai a Bruxelas apresentar um informe ante a Organização Internacional do Trabalho e se ufana de que seu respeito aos direitos humanos pode ser constatada no fato de que os assassinatos de sindicalistas durante seu governo baixou de 184 em 2002, para "apenas" 90 em 2003.

Contudo, o que o presidente cala são as cifras que sua "Segurança Democrática" produziu em todo o país, com detenções massivas, desaparecimentos, execuções extrajudiciais, deslocamento forçado de populações, etc.

Igual alteração psiquiátrica demonstra quando chora lágrimas de crocodilo pela morte de 34 paramilitares numa plantação de coca, numa incursão armada das FARC, no desenrolar do combate sem quartel que a organização guerrilheira adianta contra as forças militares-paramilitares do regime fascista colombiano; luta armada que entre outras coisas, é a única forma de fazer oposição na Colômbia.

O Departamento onde ocorreu o ataque é onde mais escândalos por paramilitarismo se apresentaram nos últimos meses. O que importa a Álvaro Uribe que tenham matado 34 "cães da guerra" – como chamava Frederick Forsyth aos mercenários em suas obras – se o que lhe é imprescindível no momento é desembaraçar-se de uns aliados "incômodos", que já jogaram seu papel (assassinar a oposição desarmada na Colômbia).

Os meios de comunicação burgueses, como sempre, tentam confundir a opinião pública, apresentando os mortos como camponeses plantadores de coca e acusando a insurgência armada de brutal. Nada mais distante da realidade. Os paramilitares estabeleceram seu domínio nesta zona segundo os planos, orientação e apoio logístico das forças militares estatais, a fim de dominar a região rica em petróleo e em cultivo de coca.

Em razão de tais riquezas e devido à presença de multinacionais petrolíferas, as Forças Armadas converteram a região em "zona de guerra", e estes jornalistas já se esqueceram de que, há alguns anos, camponeses – estes camponeses de verdade – sofreram deslocamentos forçados de suas terras sob ameaças oficiais de que os paramilitares estavam chegando à área, e muitos deles morreram nas mãos dos paracos e tiveram suas terras "confiscadas".

Já a oligarquia colombiana demonstrou que utiliza gente comum e simples, gente do povo, para defender seus interesses e, uma vez logrados seus objetivos, os assassina. Exemplo disto foram os "guerrilheiros liberais" – grupos progressistas nacionalistas e rebeldes, anteriores às atuais guerrilhas comunistas – que depois de enfrentarem os setores oligárquicos nos anos 50, se converteram na Frente Nacional, cujos membros foram assassinados pelo Estado, uma vez entregues às armas.

Perversos são, tanto o presidente Uribe, como os donos de tais meios de comunicação, como o *El Tiempo*, e perversos também são seus jornalistas – "os avestruzes" – que desprezam a morte dos irmãos trabalhadores pela ambição de vencer a insurgência.

*[Agencia Nacional de Noticias da Colômbia]

O peso da vida

por **Leandra Yunis***

A princípio eu havia me comprometido a escrever uma resenha sobre "A insustentável leveza do ser", belíssimo romance de Milan Kundera. O autor narra com singular sensibilidade histórias de amor e política. Há neste romance os elementos imprescindíveis para nos fazer vibrar: amor e morte, traições e fidelidade – políticas ou amorosas – dúvidas, encontros e desencontros, reflexões existenciais, artísticas e políticas, a leveza e o peso das escolhas... Enfim, pequenas e grandes questões da vida que levam os homens a realizar algo no mundo, buscar a felicidade, encontrar ou se perder do amor. Além disso há a vertigem, o tempo, o eterno retorno de Nietzsche: o livro em si é uma vertigem, fatal e imperdível.

Mas sua leitura levou-me a outras questões. Pensei sobre uma passagem do *Diário de Frida Kahlo* – sua vida também intensa e trágica, permeada por questões vitais do amor e da política. Num determinado trecho, diz a artista que "gostaríamos de ter de nós mesmos uma imagem idealizada, continuamente idealizada. É que gostaríamos de ser deuses, estar onde não concebemos – portanto, na imortalidade". De fato, sempre estamos à procura de um ideal político, uma luta ou um amor como em tempos idos, como já não existe mais. Todos nós, de uma forma ou de outra, e em algum momento, perseguimos uma identidade mais sublime e morremos de tédio, apatia e desânimo por não estarmos vivendo momentos vicierais, algo como "uma grande revolução".

O cinema reflete claramente nossos desejos ocultos: esperamos totalmente por um amor trágico e belo, cuja fatalidade nos redima da nossa insignificante e vazia existência sem Deus. Ansiamos pela vida heróica, perdida numa luta honrosa de causa incontestável. Gostaríamos de não ser tão confusos ou cínicos; desejar algo ardentemente, indubitavelmente, ter convicção. E, no entanto, não passamos de figuras *quixotescas* perplexas diante de monstros de pedra e asfalto.

Não vemos como combater com valentia, honra e coragem, pois a nós não se opõe um inimigo principal e concreto ao qual se possa atribuir as vilezas da covardia, maldade ou tirania. Ao contrário, vivemos imersos numa cruel e opressiva rotina por onde se destilam crimes burocráticos e indiretos, de mortos e vencidos numa guerra econômica silenciosa e

perversa, engendrada sob a face de mil sutilezas publicitárias, facilidades crediárias, ardilosas promessas de beleza, compensações de pequenos desejos egoístas, ofertas imperdíveis, possibilidades tão ilusórias como vãs de fortunas, promissoras carreiras, amores – fáceis, rápidos, escorregadios e fúteis.

Para o psicanalista Jurandir Costa, o que tem acontecido é que simplesmente temos sido todos tragados pela inércia e alienação sob a máxima imediatista do "sexo, drogas and credicard". Segundo ele, todos os ideais têm ido pelo ralo, inclusive o ideal do amor romântico – o que se verificou mesmo entre jovens adolescentes.

Além da crise de valores, o surgimento de uma nova postura se disseminou a partir das elites brasileiras: o desprezo pela camadas marginalizadas ocupou o espaço da luta de classes – a desqualificação dos indivíduos enquanto sujeitos morais, eliminando-os de qualquer campo de alteridade, se consolidando na desumanização desencarada em relação aos mais pobres, a grande maioria. Tal desumanização é o que produz, de forma corriqueira, as mais assombrosas, abomináveis e brutais formas de violência urbana, como o assassinato em série de moradores de rua indefesos.

Apesar do nosso horror, estamos acostumados – com uma naturalidade que ofenderia a Brecht – que parcela considerável da população – e não apenas das elites – seja conivente com tais atos, pois vivemos sob um sistema que não passa de hipocrisia democrática.

Diante de tal selvageria que a cada dia introjetamos sutilmente, apenas proponho que, pelo menos para começar, tentemos nos desvencilhar vigorosamente deste entorpecimento. Que passemos a valorizar plenamente a vida humana e a encerrar nossa relações – inclusive amorosas – com mais peso, gravidade, profundidade. Não poderemos retomar determinadas posturas idealistas e mitificadas, mas certamente todas as nossas opções – que não podem ser ensaiadas, como bem observou Kundera – passarão a ter o peso de uma verdade (uma, que seja) prá se opor à farsa criminoso da existência capitalista.

*(historiadora do Núcleo de Estudos da Violência)



Pela Revitalização do Movimento Socialista

por Cassiano Novais*

O mundo vive sua última fase da história da luta de classes. Como afirma o prof.º Eleutério Prado (FEA-USP), o modo de produção capitalista a partir de agora não vai gerar mais civilização, apenas barbárie. A hecatombe apresenta-se hoje como uma crise prolongada dos sistemas do capital, na qual as corridas nacionalistas em busca do bem-estar social não conseguem surtir mais o efeito desejado. Na Europa e EUA, os níveis baixíssimos de crescimento da produção faz com que a principal preocupação dos economistas atualmente seja como fazer as economias centrais voltarem a apresentar patamares de crescimento adequados, se não à melhoria, pelo menos à conservação do *status quo*.

No Brasil vemos o *Fome Zero* do Lula, como política de transferência de renda aos miseráveis, virar chacota nacional. É possível manter uma política social-democrata de reforma institucional, com o país atado à malha de ferro do mercado financeiro, sustentando uma dívida externa que é objetivamente impossível pagar?

Nos jornais, vemos até o *Estadão* elogiar o presidente Lula, dada as perspectivas de crescimento do PIB no ano. Porém será possível manter um crescimento sustentado e duradouro, sendo que este está ancorado nas relações de comércio e financeiras do mercado mundial, instável por natureza? O país bate recordes de produção no agronegócio para a exportação. Porém a massa salarial caiu, e o desemprego continua a galope nas estatísticas. O crescimento, portanto, não está sustentado pelo mercado interno - menos volátil e o único capaz de dar autonomia relativa num processo de crescimento coerente e duradouro.

Nos países centrais, as classes trabalhadoras começam a perder direitos duramente conquistados no passado recente, através das não tão recentes reformas de previdência, e trabalhista, entre outras - que agora, para variar com algum atraso, começam a dar as caras nos países do "Terceiro Mundo". O capital, em sua lógica inexorável de acumulação-expansão, não mais pode dividir os ganhos de aumento de produtividade da força de trabalho com os próprios trabalhadores. Para que ele - o capital - continue como comando central da reprodução social, deve arrancar qualquer instituição do passado que proporcionava transferência indireta de renda para as classes exploradas, tais como participação no lucro, por exemplo.

A situação se agrava quando se observa grandes frações da classe média caindo rapidamente na esteira dos desempregados ou subempregados. E para constatar esta realidade, basta olhar para nossa vizinha Argentina - a história demonstra que o alinhamento incondicional às políticas do império pode proporcionar sabores mais do que amargos.

A situação de exploração da mulher, chegando a proporções inauditas, e com isso a desagregação da família nuclear - o aumento do número de divórcios e das mães solteiras que precisam exercer dupla jornada de trabalho - começam a mostrar paulatinamente que as instituições sociais do capital, junto com sua forma de organização da produção em geral, estão entrando numa fase onde suas contradições inerentes começam a tomar tamanha proporção, que os órgãos de imprensa burguesa, desesperados com a situação explosiva, passam a assumir a posição de direita mais mesquinha e conservadora, como é o caso das aberrações da revista *Veja* - que chegou à indecência de estampar em sua capa um demônio com o rosto de Marx.

"Em resumo, os comunistas apoiam em toda parte qualquer movimento revolucionário contra o estado de coisas social e político existente.

Em todos estes movimentos, põem em primeiro lugar, como fundamental, a questão da propriedade, qualquer que seja a forma, mais ou menos desenvolvida, de que esta se revista. Finalmente, os comunistas trabalham pela união e entendimento dos partidos democráticos de todos os países" (Marx e Engels).

Na esfera parlamentar, os antigos partidos trabalhistas de esquerda, de Blair, na Inglaterra, e os partidos denominados socialistas, com grande expressão nos países do continente, particularmente na França e na Alemanha, se enveredam pela senda do "capitalismo moderno" estadunidense, que saiu momentaneamente vitorioso com a queda do muro e a derrocada

soviética. Promovem privatizações e políticas de arrocho fiscal, o oposto da posição em que se colocavam no passado recente.

No Brasil, as "modas" chegam, como sabemos, com relativo atraso. Ascendeu ao poder o PT, que em sua origem proclamava como bandeira a luta dos trabalhadores. Enganam-se os que pensam que este partido teve caráter socialista em sua fundação. Pelo menos se levarmos em conta o sentido radical da palavra socialismo. Sobreviveu incólume e mesmo cresceu como partido de esquerda, abrigando tendências desde as mais radicais, de caráter explicitamente socialista, até as mais reformistas e de alianças, que por fim saíram vencedoras, chegando ao poder.

O PT não se distingue, na essência, dos partidos trabalhistas europeus degenerados, nos dias atuais, em partidos de direita. A política de consenso quanto ao avanço do capital sobre o trabalho não foi abandonada pelo partido, não houve ruptura. Ao contrário, seus economistas, como os do mundo inteiro, debruçam-se em seus gabinetes formulando modelos que venham a patrocinar novo ciclo de crescimento, mesmo que esse seja apoiado na degradação do trabalho e da natureza.

O capital admitiu em determinado momento de sua evolução, uma divisão menos injusta de seu produto com os trabalhadores. Isso era necessário para tentar contornar as crises periódicas de subconsumo. Hoje o tal "Capital" olha pra trás e diz: - "Me desculpem escravos, agora devo voltar a tratá-los como verdadeiros escravos. Minha sede de sangue humano é insaciável e aumenta a cada ano, a cada mês, a cada dia. Estou velho e já não posso sobreviver sem consumi-los por inteiro, sem piedade, sem compaixão."

Porém, abaixo dele, mas em muito maior número, a massa dos sem propriedade em sua consciência coletiva em formação afirma: "Sabemos que o senhor precisa voltar a nos esolar sem piedade. Mas também sabemos que o sr. está velho e não pode mais viver por muito tempo. Não nos resta mais alternativa a não ser abreviar a sua morte".

Os novos sinais da reestruturação da luta dos trabalhadores começam a aparecer. Fica clara a necessidade da reunião dos povos para que a luta seja levada a bom termo. E a unidade latino-americana, apoiada na figura de Simon Bolívar e na revolução bolivariana, é uma das peças desse quebra-cabeça que de nenhum modo deve ser considerado simples de resolver. A forma de luta exclusivamente parlamentar, através de eleições dentro da "democracia" burguesa, ficou para a história como uma dura perda para o movimento emancipatório socialista. Aquele socialismo "evolutivo", sem traumas, sem revolução, ou em bom português, só no *gogo*, degenerou-se no direitismo mais egoísta, pois que trai o movimento dos trabalhadores em sua essência.

Começa a saltar novamente aos olhos que a proposta original sintetizada no século XIX por Marx e Engels no *Manifesto do Partido Comunista* é mais atual do que nunca. O socialismo só pode ser alcançado através de um amplo movimento extra-parlamentar de massa que não exclui o partido, mas também não o coloca como pivô onipotente e onisciente das aspirações da classe trabalhadora. Um movimento que tenha como central a democracia radical em suas orientações e que não seja rígido, sabendo aglutinar os amplos movimentos contestatórios que estão em ação no presente.

A vitória do presidente venezuelano Hugo Chávez no plebiscito que decidiu soberanamente sua continuação no poder fica para a história como um marco da renovação do movimento socialista na América Latina. A experiência venezuelana demonstra cabalmente que a vitória socialista tem de necessariamente se apoiar e ser comandada pela classe trabalhadora.

*[da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP]

ZAPATISTAS: Giram "los Caracoles"

Faz mais de 10 anos que o conflito em Chiapas passa por um diálogo interrompido, produto de uma estratégia interna de guerra. Mais de 6.000 indígenas foram dispersados de suas comunidades, vivendo assim, sob um complô militar que parece afogar qualquer tentativa de paz. Sob estas circunstâncias de impunidade, marginalidade e esquecimento histórico, os zapatistas fazem autônomos seus 30 municípios rebeldes, aplicando as leis que o governo até agora se negou a reconhecer. Nas últimas semanas o sub-comandante Marcos emitiu as 7 partes de um comunicado no qual faz uma autocrítica ao novo plebiscito político das comunidades. Para mais informações consulte as páginas www.fzln.org.mx e www.czln.org.mx.

Fórum Social Brasil-Argentina-Paraguai

O primeiro Fórum Social da Tríplice Fronteira será realizado em Foz do Iguaçu e Puerto Iguazu (Argentina), entre os dias 7 e 10 de outubro de 2004. Tem um caráter internacional, embora a questão regional acerca do Aquífero Guaraní seja central.

Este lençol freático - reserva subterrânea de água - um dos maiores do mundo, vem despertando os interesses do Império, num momento em que a água potável já começa a escassear no mundo. Os governos dos EUA, Alemanha e Holanda, de olho no lance, já demonstraram interesse neste imenso reservatório. Já há cerca de 50 milhões de dólares visando estudos e exploração da região.

Os Estados Unidos já demonstraram inclusive disposição de intervir militarmente na área, alegando "segurança contra o terrorismo". E quem nos protegerá do terror desvaído do Tio Sam?

No Fórum será também discutida a criação de um partido que aglutine as forças de esquerda de toda a América, algo como um movimento socialista bolivariano. Para mais informações escreva para forosocial@triplefrontera.org ou entre na página www.triplefrontera.org.

Imprensa Latinoamericana

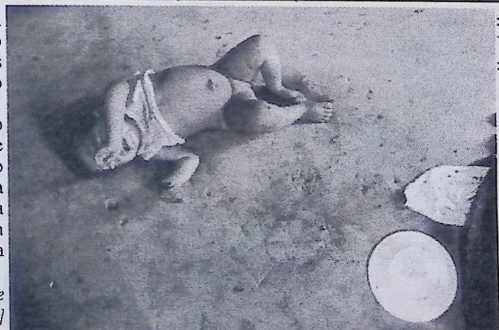
Valorize a imprensa alternativa

São poucos os meios de comunicação através dos quais se pode ter acesso a informação fidedigna a respeito dos acontecimentos do mundo.

Visite: www.midiaindependente.org
www.lajornada.com.mx www.rebelion.org
www.brasildefato.com.br www.triplefrontera.org
www.guevarahome.com.br www.prensa-latina.org
www.agenciaartamaior.com.br

MST, Canindé do São Francisco, SE, 2001

Marine tem apenas um ano e não pára de chorar. Cercada de moscas e toda suja. Marine não pára de chorar. Talvez seja dor, talvez seja fome e Marine continua chorando. Espera sozinha a mãe chegar pois quem cuida dela é Pauliane que tem 5 anos e que também espera a mãe chegar. Marine só pára de chorar quando está dormindo mas ela acordou e não vai parar de chorar.



Marcelo Min

ONU: Conferência sobre o Comércio e o Desenvolvimento (UNCTAD)

"Plantemos idéias e as armas sobrarão" Aritmética e reflexões sobre a vida no planeta

discurso de Fidel Castro Ruz*

A UNCTAD, organização fundada há 40 anos, foi uma nobre tentativa do mundo subdesenvolvido de criar no seio das Nações Unidas, através de um comércio racional e justo, um instrumento que servisse às suas aspirações de progresso e desenvolvimento. Naquela altura eram muitas as esperanças, sob a ingênua crença de que as antigas metrópoles tinham adquirido consciência do dever e a necessidade de estarem de acordo com esse objetivo.

Hoje o terrível flagelo do intercâmbio desigual apenas é mencionado em discursos e conferências. O comércio internacional não tem sido instrumento para o desenvolvimento dos países pobres, que são a imensa maioria da humanidade. Embora as cifras aborçam, às vezes não há outro remédio senão usar a sua eloquente e insubstituível linguagem.

... Nos países pobres vivem 85% da população mundial, mas a sua participação no comércio internacional é apenas de 25%.

... A dívida externa desses países em 1964, ano em que nasceu esta instituição das Nações Unidas, era ao redor de 50 bilhões de dólares. Hoje atinge a cifra de 2,6 trilhões.

... Entre 1982 e 2003, 21 anos, o mundo pobre pagou 5,4 trilhões de dólares pelos juros da dívida, o que significa que o seu montante atual foi pago mais de duas vezes aos países ricos.

Aos países pobres se lhes prometeu ajuda para o desenvolvimento e que o abismo entre ricos e pobres reduzir-se-ia progressivamente. O mais rico deles, os Estados Unidos, foi quem menos cumpriu a meta traçada, ao destinar a essa ajuda apenas 0,1% do seu PIB. E não estão aí incluídas as enormes somas que arrebataram aos pobres como consequência do intercâmbio desigual.

Adicionalmente, os países ricos gastam cada ano mais de 300 bilhões de dólares para pagar subsídios que impedem o acesso das exportações dos países pobres aos seus mercados. Por outra parte, é quase impossível medir o prejuízo causado a esses países pelo tipo de relações comerciais que através dos tratados de livre comércio, são impostos aos países pobres, incapazes de competir com a sofisticada tecnologia, o monopólio quase total da propriedade intelectual e os imensos recursos dos países ricos.

A estas formas de pilhagem acrescentam-se outras, como a grosseira exploração da mão-de-obra barata, a especulação com as moedas ao ritmo de bilhões de dólares por dia, o comércio de armas, a posse de bens do patrimônio nacional, a invasão cultural e outras dezenas de ações de pilhagem e roubo impossíveis de enumerar. Está por se estudar, visto que não aparece nos livros clássicos de economia, a mais brutal transferência de recursos financeiros dos países pobres para os países ricos: a fuga de capital.

Alguém se atreveria a negar as consequências sociais e humanas da globalização neoliberal imposta ao mundo? Se há 25 anos, 500 milhões de pessoas passavam fome, agora são mais de 800 milhões. Nos países pobres 150 milhões de crianças nascem com baixo peso, o que aumenta o risco de morte e o subdesenvolvimento mental e físico. No Terceiro Mundo morrem a cada dia 33 mil crianças por enfermidades curáveis. Dois milhões de meninas são obrigadas a exercer a prostituição. Os 85% da população mundial formada por países pobres consome apenas 30% da energia.

Como podem os líderes do imperialismo falarem de direitos humanos e mencionar palavras como liberdade e democracia neste mundo tão brutalmente explorado?

O que se pratica contra a humanidade é um crime permanente de genocídio. Cada ano morrem por falta de alimentos, atendimento médico e remédios, tantas pessoas quanto as dezenas de milhões que morreram em qualquer

uma das duas guerras mundiais.

A ordem econômica global e neoliberal é tão impiedosamente irracional e injusta, que é insustentável. Os povos vão se rebelar. Já começaram. São estúpidos os que afirmam que isto é fruto de partidos, ideologias ou de agentes subversivos de Cuba e da Venezuela. As chamadas sociedades de consumo, com suas tendências esbanjadoras e irresponsáveis envenenaram as mentes de grande número de pessoas no mundo, que no meio de uma ignorância política e econômica generalizada são manipuladas pela publicidade comercial e política através de fabulosa mídia que a ciência criou.

Em breve vão fazer 60 anos do dia em que estourou sobre Hiroshima a primeira bomba nuclear. Hoje existem no mundo dezenas de milhares dessas armas, que são dezenas de vezes mais poderosas e precisas. Continuam-se produzindo e aperfeiçoando. Até no espaço se programam bases de projéteis nucleares. Surgem novos sistemas de mortiferos e sofisticados armamentos. O homem criou a capacidade técnica para sua total autodestruição. Agressões a 60 ou mais países fazem pálida a barbárie proclamada nos dias tenebrosos do nazismo. Somos testemunhas de sádicos métodos de tortura que recordam as imagens divulgadas nos dias finais da Segunda Guerra Mundial.

O prestígio da ONU está sendo socavado até os alicerces. Longe de se aperfeiçoar e democratizar, a instituição se tornou um instrumento que a superpotência e os seus aliados pretendem usar para aventuras bélicas e espantosos crimes contra os direitos mais sagrados dos povos.

Não se trata de fantasias, nem de produtos da imaginação. É muito real o fato de que, em apenas meio século, surgiram dois grandes e mortiferos perigos para a própria sobrevivência da espécie: aquele que sai do desenvolvimento tecnológico das armas e aquele que vem da destruição sistemática e acelerada das condições naturais para a vida no planeta.

Não há outra possibilidade para a humanidade: ou muda a atual situação mundial ou a espécie corre o risco real de extinção. Para entendê-lo não há que ser cientista nem perito em matemáticas; é suficiente a aritmética.

Os povos serão ingovernáveis. Não existem métodos repressivos, torturas, desaparecimentos, nem assassinatos em massa que possam impedi-lo. Da crise inevitável, e muito mais cedo do que tarde, sairão pensadores, guias, organizações e políticas das mais diversas índoles que farão o máximo esforço por preservarem a espécie. Todas as águas numa só direção vão se juntar para varrer os obstáculos.

Plantemos idéias, e todas as armas que esta bárbara civilização criou irão sobrar; plantemos idéias, e a destruição irremediável do nosso meio natural de vida poderá ser impedida. Caberia se perguntar, se já não é tarde demais. Sou otimista, digo que não, e tenho a esperança de que um mundo melhor é possível.

*[presidente da República de Cuba]

Eco-agricultura

Sistemas Agroflorestais

Sustentabilidade econômica e ambiental

por Cristina Tófoli*

A técnica dos sistemas agroflorestais consiste na utilização sustentável dos recursos naturais, aliada a uma menor dependência de insumos externos, como agrotóxicos e fertilizantes, resultando em maior segurança alimentar e econômica, para agricultores e consumidores. Seu princípio fundamental é a otimização, e não a maximização da produção.

As agroflorestas aliam geração de emprego no campo, sustentabilidade econômica e ambiental, rompendo a antiga dicotomia entre desenvolvimento e preservação dos recursos naturais, conciliando atividade agropecuária com recuperação e conservação do solo, da água e da biodiversidade.

Por ser um sistema de alta diversidade, que associa o cultivo, na mesma área, de árvores frutíferas e madeiras (incluindo espécies nativas), com grãos, raízes, plantas ornamentais e medicinais, há um aumento na capacidade produtiva da pequena propriedade rural. A grande biodiversidade do sistema permite que o equilíbrio entre fauna, flora e homem seja atingido.

Seu manejo regenera a fertilidade natural do solo, aumentando a oferta de nutrientes aos cultivos, promove a preservação dos recursos hídricos, propicia infiltração adequada da água e minimiza a erosão do solo, cria condições para o controle biológico natural de pragas e doenças, enriquece a biodiversidade do agroecossistema e evita a contaminação por pesticidas e fertilizantes.

Os sistemas agroflorestais possibilitam renda adicional aos agricultores, por haver melhor aproveitamento da mão-de-obra familiar, menores possibilidades de entressafras ruins - devido à diversidade de produtos cultivados e à expansão do mercado de orgânicos.

A possibilidade de cultivo na sombra das árvores proporciona um ambiente de produção agradável, e há uma redução gradativa das horas de trabalho à medida que a agrofloresta entra em produção.

As colheitas variadas e o aumento da oferta de carne, devido à facilitação na integração entre agricultura e criação de animais, oferece uma alimentação mais rica e com menor custo à família rural. A oferta de alimento com elevada qualidade nutricional sem a contaminação por agrotóxicos reduz a

desnutrição e a mortalidade infantil. A capacitação e criação de postos de trabalho aumentam a esperança e o crescimento individual e profissional dos jovens do meio rural.

De acordo com a legislação brasileira, propriedades e assentamentos rurais devem manter matas ciliares (nas margens de cursos d'água) e áreas de reserva florestal em suas terras. A recuperação dessas áreas que estiverem degradadas pode ser realizada utilizando sistemas agroflorestais. Assim se une recomposição ambiental com desenvolvimento.

Nos últimos anos vêm crescendo a implantação de sistemas agroflorestais como forma alternativa de desenvolvimento rural, principalmente em assentamentos rurais, como nos acampamentos do MST em Pontal do Paranapanema e Sumaré (SP), Porto Acre (AC) e em três projetos no Estado do Amazonas. Reservas indígenas, como Araribá (povos Manichineri, Ashaninka, Kaxinawá, Apurinã e Yanawa) no Acre, e pequenos produtores rurais, como em Juína na Amazônia e em Paraty (RJ), são outros exemplos de implantação de sistemas agroflorestais.

[Outubro/2004 - Curitiba - Congr. Bras. Sistemas Agroflorestais - inform: www.comunidadeambiental.org]

*[pós-graduanda em Ecologia/ USP]



Geração Descolada, Trepadas e Liberdade Sexual

texto e foto Xico da Silva

A questão da liberdade sexual aparece ainda hoje como um tabu que se evita discutir mais profundamente. Ter liberdade para fazer sexo não significa ter liberdade sexual. Alguns afirmam que depois da derrota do Movimento Hippie este assunto morreu, que a Revolução Sexual se degenerou em promiscuidade vazia e sem sentido. De fato hoje vivemos uma grande regressão frente à década de 60.

Sabemos que nossa contemporaneidade é pornográfica em muitos aspectos – políticos, religiosos, consumistas, etc – e que a união “livre” dos corpos tantas vezes anda junto com o interesse financeiro. Mas trepar não significa, quase nunca, ter liberdade sexual. Uma prostituta pode conscientemente alugar seu corpo, e isto é exatamente o oposto de ter liberdade de uso de seu próprio corpo. Necessidade, ambição, os motivos são muitos.

Há ainda o caso não contabilizado nas estatísticas, mas que é o mais comum, das prostitutas-de-luxo-não-declaradas. Estas, são conhecidas também como “patricinhas”, peruas, modelos, entre outras classificações dentro da mesma espécie. Podem ser encontradas nas noites das grandes cidades, nos melhores bairros, nos bares mais caros – como as vedetes luxuriosas dos Jardins, Vila Olímpia ou Guarujá. Em geral acompanham rapazes vestidos segundo a moda, em suas grandes caminhonetes modernas e de pintura impecável. Curtem demais um som putz-putz gringo.

Seríamos no mínimo injustos se não mencionássemos também os *pitbuls* que desfilam de regatas com seus *Pitbuls*...

Outro caso clássico é o da “puta-familiar”. Estas atuam especialmente junto aos *pleibóis* de gravata e bom salário. Não seria admirável dizer que poucos são os destacados administradores, engenheiros, juízes, médicos ou jogadores de seleção que se casaram com uma mulher sem interesses secundários ou até escusos. Segurança, conforto, é o mundo da alta roda, é *VIP*, é *in*. Como diz a canção: “é isso que dá, cê quer frequentar”.

Uma prostituta, quando trabalha, não exerce sua liberdade sexual, mas essencialmente uma tarefa econômica – na quase totalidade dos casos. Dizer que ela é livre seria como afirmar que um operário tem liberdade para exercer sua profissão, quando é sabido que, na hipótese rara de conseguir bom emprego, ele não desfrutará dos produtos de seu trabalho com plenitude e justiça. Quem goza sempre é o patrão.

Outro caso clássico é do “filhinho de papai e da mamãe”, presente em todas as classes, embora prevaleça nas camadas médias. A garota ou o garoto seguem padrões conservadores machistas de relacionamento, perpetuando os preconceitos aos quais nossos avós nos condenaram. Em geral estes filhotes das



Geração Descolada: padronização de atitudes e alienação dominam juventude moderninha.

“boas famílias” são possuídos pelo rancor religioso. Suas transas são carregadas de recalques, são poucas, são curtas e pior, são “corretas”. Transar, mais que crime, é nojento. Assombrosa consequência disto é que em pleno século XXI, muitas garotas do interior ainda tenham sua iniciação sexual por relação anal, para manter a virgindade – técnica também usada para evitar a gravidez, inclusive nas periferias.

E quanto à moçada e à rapaziada dos subúrbios, grande parte ainda não se revoltou e quer mesmo imitar as classes médias. Valorizam as marcas gringas, ainda que falsas e seguem o modelo machista de relação, onde ele manda e ela finge que obedece. Apesar da violência que pode surgir dos supostos deslizes deste jogo de enganos – presente em todas as classes – ironicamente as moças das classes baixas têm um pouco mais de liberdade sexual que as filhas da burguesia.

Neste mar de hipocrisia, faltou citar ainda as descoladas e os descolados. Embora as fêmeas deste grupo não aluguem o corpo e os machos não usem da carteira deliberadamente no flerte, eles tampouco são livres no sexo. Desfilam sempre sua moda de brechós de marca – no melhor estilo da feira da praça Benedito Calixto. São vegetarianos politicamente corretos. Mas de vez em quando comem carne. Cerveja, preferem Boehmia. As moças foram ensinadas a só cumprimentarem os conhecidos. Caras estranhos, miram obliquamente, no máximo a 30 graus... e sempre tiram o olho se são surpreendidas num cruzar de olhos “promíscuo”. Curtem incenso, artesanato, horóscopo *maia*, conhecem os *elementais*, crêem nas energias que *rolam* e numa “força maior”. Para o descolado a paz é possível. Mas dentro dos casulos em que vivem são alienados da vida real, do que *“lá rolando de fato na fita*. O descolado está sempre *suspa*. Política é coisa de careta. Sexo, só entre a galerinha, pessoal

da escola, do bem. Todos tão parecidos... personalidade zero!

Muito destes espécimes são encontrados nas universidades, inclusive nas públicas. Sua vida se resume ao coqueteio com temas sócio-filantropicos, às baladas badaladas e à ginástica que mantém o corpinho *sarado*. Adoram batucadas, chás e acham “super” o *Caetano*. A sedução e conquista seguem padrões desencanados, onde a mulher desencanada lança olhares sutis para o rapaz, que numa ginga de capoeira chama a moça prá queimar um banha... e aí já era, sacou? Puta papo cabeça. Sempre o mesmo papo cabeça... Mesmo papo, mesma cabeça. Padrão, falta de criatividade, mente fechada, mediocridade...

O historiador Eric Hobsbawm afirma que as revoluções vitoriosas foram as puritanas – francesa, bolchevique, etc. Contudo, no decorrer do processo histórico, todas foram derrotadas. O que teria faltado? Alegria? Prazer? E afinal não são estes sentimentos que nos fazem acreditar que estamos no caminho certo?

Constatamos então que estamos cada vez mais retrógrados em nossa visão de liberdade, seja de que tipo for – haja visto o que hoje se chama *liberdade* democrática ou de imprensa.

Stálin caçou todas as liberdades sexuais legais, que tinham sido postas em prática por Lênin no início da revolução russa de 1917.

Reich, discípulo de Freud, foi expulso do Partido Comunista Alemão quando os “linha dura” stalinistas perceberam o poder que o psicanalista desenvolveu sobre as massas com sua “Sexpol” (política sexual). O projeto ministrava cursos de orientação sexual e política para jovens, distribuía preservativos e permitia aos casais o uso de quartos nos prédios de reuniões... Em um ano, um milhão de jovens aderiram ao Partido Comunista.

E ainda que a situação esteja *foda* – com o perdão do uso do termo – é possível

Poucas Palavras

“Navegador, deixe os que sonham ser felizes habitando o paraíso”. (Raul Seixas, músico e compositor baiano)

“Faço versos como quem vomita
O conteúdo da marmita
Para cima do patrão

Faço versos como quem vomita
O conteúdo da marmita
Pra cima do *playboy*, da *patricinha*,
do padre, do pastor e todo tipo de cuzão!”
 (“Vômito”, por Renato Palmares)

“A possibilidade de ser um homem extraordinário, move; a insignificância de ser um homem notável, prostra”.
(Bernardino Ponte Preta, poeta)

“Apaixonei-me por todas as minhas colegas de elenco, pois não é possível dizer ‘eu te amo’ o dia inteiro e interromper às seis da tarde”. (Omar Sharif, ator egípcio)

“Cada homem é um drama”. (Diniz Machado, escritor português)

“Nos fios tensos
Da porta de metal,
As andorinhas gritam
Por falta de uma chave de sol” (Secos e Molhados)

“Foram necessários os inimigos
Para sabermos que nós somos
gêmeos” (Mahmud Darwish, poeta árabe)

Gravura



concluir-se que a liberdade sexual, por fim, só pode existir como uma prática libertária cotidiana, que seja social, mas também política; no relacionamento coletivo que transponha os limites pequenos de cada “tribo”, na coragem de experimentar, de mudar de opiniões e também de largar tudo e recomeçar.

É um modo de vida que só é possível quando não se teme amar - provar desta nossa experiência única, curta e finita. Há que se ter fé na vida e acreditar no ser humano. Mas quem almeja o amor, terá que lutar muito por ele, enfrentar todos os obstáculos sem cair no conformismo. Melhorar-se e melhorar.

Não pode haver a revolução social sem a revolução sexual. Mas tampouco é possível que se seja livre somente no sexo. A Liberdade é complexa, múltipla, e só será ampla se for desenvolvida nas suas tantas faces.

Machu-Picchu: a cidade perdida das Virgens

Santuário do Império Inca é alvo de terrorismo internacional

texto e foto Yuri Martins Fontes

A cidade perdida de Machu-Picchu, devido à sua privilegiada e discreta localização, só foi descoberta em 1911, cerca de 400 anos após a chegada das súcias armadas européias. Este lapso de sorte evitou - para o bem da humanidade - que os invasores espanhóis a tivessem pilhado e destruído. Contudo hoje, devido ao turismo predador - maior fonte de renda da pobre província de Cuzco - ironicamente a tarefa destrutiva dos colonizadores está sendo desempenhada agora.

Em plena era moderna, de "democracia" e "informação", que também poderia ser descrita como a "Era da Falácia", o que vemos é a destruição impiedosa do maior reduto da cultura inca por milhares de terroristas - ianques, europeus e japoneses em geral - que com suas temíveis câmeras fotográficas, embalagens de salgadinhos e venenosos dólares empesteiaram o santuário sem nenhuma piedade.

Do alto de uns dos montes vizinhos, poder-se-ia pensar ser um ataque de formigas assassinas que devoraram o derradeiro cadáver do Inca, que ousou querer descansar numa trilha de saúvas. É tanta gente todos os dias, e tudo desorganizado da melhor forma, que nem uma estrutura contemporânea reforçada para terremotos orientais resistiria.

Machu-Picchu foi provavelmente construída com fins religiosos, sob o império de Pachacutec - que também reconstruiu a cidade de Cuzco, destruída por um terremoto. Hoje acredita-se que ali se davam os sacrifícios das Virgens do Sol, escolhidas entre a nobreza por seu talento, inteligência e beleza. A cidade era uma espécie de Palácio das Virgens. Os cerca de 75% de ossos femininos encontrados reforçaram esta teoria. Como os Astecas, os Incas também faziam sacrifícios humanos, embora em menor número e só em ocasiões muito especiais.

Em 1532, Francisco Pizarro e mais 180 soldados invadem a cidade de Cajamarca e prendem o inca Atahualpa, desprevenido. Esta era uma época de decadência do Império Inca, devido à grande guerra civil entre os exércitos de dois irmãos, Huáscar e Atahualpa. Ocorre que seu pai, Huayna Capác, havia dividido o império entre os filhos. A parte sul do território, cuja capital era Cuzco, ficou sob o jugo do primeiro e o norte, com capital em Quito, com o último.

Em meio ao caos, Atahualpa avança sobre Cuzco e a domina. Porém, logo da conquista, ele seria então derrotado e aprisionado pelos espanhóis. Ainda assim, secretamente, da prisão, ordena a execução do irmão, rendido num cárcere inca, temendo que este se aliasse com os invasores estrangeiros. Depois, tenta subornar seus captores com abundante



Garota Quéchua com vestimentas de seus antepassados Incas

ouro e prata, metais que usavam para decoração. Pizarro aceita a oferta e acaba por descobrir o imenso tesouro. Em seguida, manda assassinar Atahualpa, aos fins de 1533. Milhares de índios foram feitos escravos.

A vila de Cuzco era então capital política e religiosa do subjugado império pré-colombiano. Tinha por volta de 200 mil habitantes. Seus palácios e templos eram todos decorados com ouro e prata trabalhados, que a "civilização" espanhola derreteu, reduzindo arte milenar a brutos lingotes paralelepipedais. Os incas não tinham sistema monetário e os metais só valiam pela sua beleza, o que pareceu primitivo ao europeu.

Manco II, general de sangue real, é então coroado imperador-funfoche pelos espanhóis. Contudo, num momento propício ele se entrincheira com 20 mil homens em Sacsayhuaman - colina nas cercanias de Cuzco - e inicia sangrenta batalha de 6 meses. Apesar da força da resistência, os invasores obtêm ajuda de povos indígenas inimigos dos incas, vindos do atual Equador. A resistência se retira então para a floresta tropical amazônica, e em 1536 é fundado o Império Vilcabamba, sob a liderança de Manco II.

Vilcabamba durou até 1571, quando os espanhóis, amedrontados com o fortalecimento do novo império, invadem-no com um milhão de soldados e destroem tudo, assassinando toda a população e pondo fim à civilização inca. O imperador de então, Tupac Amaru, após bravo enfrentamento, é executado em praça pública, em 1572.

Este último Império contava com

duas capitais, uma política, a pilhada Vitcos, e uma religiosa, que durante séculos permaneceu incógnita. Esta última, Machu-Picchu, era uma réplica da antiga Cuzco. Foi somente em 1911 que o historiador havaiano Hiram Bingham chegou com seu grupo expedicionário a uma pequena cabana de camponeses que cultivavam os antigos terraços incas. O agricultor peruano Melchor Arteaga, após recepcioná-los com água fresca e típicos *camotes* - batatas-doces assadas - guiou o grupo na escalada do cânhão do rio Urubamba. Lá de cima avistaram Machu-Picchu, ou no nativo idioma quéchua, a "velha montanha".

Genialidade em vida não impede fim trágico

De início, pensaram se tratar de ruínas pré-incas. Os expedicionários então regressaram e voltaram depois com um grupo de 500 pessoas com o intuito de limpar a cidade, tomada pela vegetação. Para estudá-la, a cidade foi dividida em vários setores: agrícola, urbano, industrial (vestimentas, armas, cerâmicas, etc), intelectual (contabilidade, organização social e política), real, sagrado, praças, prisão, terraços de plantio, pedreira, fontes de distribuição de água, o Templo do Sol, o palácio da princesa, a tumba real, o templo principal, e a lápide Intihuatana - um observatório astronômico e relógio de sol. Os incas determinavam com precisão as datas dos

equinócios e solstícios. Na Praça Principal tinham lugar as grandes reuniões e eventos esportivos. Havia 250 casas e se supõe que ali viviam cerca de 1000 habitantes. O bom estado de preservação permitiu que se pudesse apreciar também a sua genialidade arquitetônica, estética e agrícola.

Plantavam chás, coca, café, cacau, plantas medicinais, batata e milho, entre outros alimentos ainda cultivados pelos índios Quéchuas do Peru, da Bolívia e do norte argentino. Sua bebida sagrada era a *Chicha* - um fermentado alcoólico.

Há ainda ruínas em bom estado nas montanhas próximas, como em Huaina-Picchu e na caverna do Templo da Lua, entre outras. Para os incas, o condor - *kuntur*, no idioma quéchua - era o símbolo da guerra e a serpente, da sabedoria. Ainda hoje, nesta região vivem animais selvagens que outrora coabitaram com eles, como pumas, ursos-negros-de-óculos, cervos, condores e diversas cobras venenosas.

Não se sabe como os incas desapareceram deste último reduto. Alguns afirmam ter havido invasões de tribos do Norte. Outros pregam a tese de que, por ser uma capital religiosa, as virgens foram respeitadas, o que findou a raça. De fato, a moral inca era bastante rígida, tanto no cumprimento das tradições, como na condenação do roubo, da mentira e da preguiça.

Suas construções anti-sísmicas resistiram séculos aos violentos terremotos da região. No entanto, poucas resistiram à catástrofe maior que assolou a Terra: a ambição desmedida fruto da ignorância dos homens "civilizados".

*[Filosofia-USP]



Olho

Praça da República: Cidade de S. Paulo

No Brasil, oito milhões de crianças e adolescentes vivem ou passam a maior parte do tempo nas ruas, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômica, Ibase, onde passam o dia expostos à violência e sem acesso a educação e a saúde. A grande causa deste número alarmante é a eterna indiferença e falta de investimento do poder público frente ao problema.

(Marcelo Min)

Encontro Nacional de Comunidades Alternativas

por Cassique

O ENCA-2004 ocorreu em Julho, em Araxá-MG. Pela primeira vez teve contato mais prolongado com as várias "tribos" que constam a participar deste encontro — "micróbios", adeptos do



ENCA: momento de meditação

calendário Maia, espiritualistas de todas as vertentes, tomadores de Aiahuasca, panteístas, ecologistas, etc.

O local do encontro foi num latifúndio que o proprietário disponibilizou para quem quisesse formar uma comunidade alternativa por lá. A vontade de quase todos os participantes do movimento de comunidades alternativas é voltar para a terra, sair da civilização, seguir uma vida "equilibrada", não comer carne. No Encontro era recomendada a não utilização de bebidas alcoólicas, nem a utilização de aparelhos gravadores. Os tais micróbios eram os únicos que bebiam abertamente... e eram os seres mais simpáticos, abertos e francos do Encontro.

Ouvia-se muito falar, nas rodas lúdicas da noite e nas reuniões do dia, de seres *elementais*, de seres da floresta, do dia *Maia* "fora do tempo" - e de outros termos que no meio neo-hippie alienado são comuns de se ouvir. Pior era ouvir um monte de alucinados fundamentalistas seguidores do "Santo Daime" louvarem mil vezes o nome de Jesus e de todos os santos.

Minhas impressões ao passar alguns dias acampado na fazenda foram: o movimento *neo-hippie da classe média* e suas propostas místicas como, "a adoção do calendário Maia mudará nossas vidas para melhor para sempre" não conseguem agregar muita gente. Especialmente os carnívoros já estão excluídos de antemão. Há uma espécie de culto ao retorno à velha e boa — nem tão velha e nem tão boa — comuna primitiva, extinta há pelo menos uns 2000 anos.

Por fim, depois de três dias acampado e tendo minha liberdade de beber e registrar a realidade cercados, não via a hora de voltar e encontrar, (aaarrggghhh!) novamente com a concretude paulistana. Muitos dos participantes, tão "naturalistas" durante o evento, caíram que nem abelha no mel nos quitutes do povoado ao lado, quando se findou o encontro.

Conclui que não é, definitivamente, o retorno ao mato ou a adoção de um calendário alternativo "mais científico" que nos levará dessa pra melhor.

Curtas da Terrinha

O Nascer do PSOL

O Partido do Socialismo e da Liberdade tem prazo até setembro de 2005 para conseguir as 438 mil assinaturas necessárias para a sua formalização, de modo a ser possível concorrer às eleições

presidenciais de 2006. A senadora Heloisa Helena (AL) deve sair candidata, devido à sua liderança na construção da nova legenda e também ao seu grande apoio popular.

Dentre as lideranças, estão também os seguintes deputados expulsos do PT em 2003: João Batista Babá (PA), Luciana Genro (RS) e João Fontes (SE). Este último, diga-se de passagem, tem suas origens no PFL e é ligado a setores da Igreja.

Segundo a senadora alagoana, o PSOL "nasce com a incumbência de abrigar todas as esquerdas, sem respaldo partidário e para resgatar as principais bandeiras do PT antes de chegar ao governo". Segundo a deputada Luciana Genro o partido deve ocupar o "vazio político" deixado pelo PT, sem ser um novo PT. Diz que "é hora de atender a todas as correntes de esquerda que lutam por ideais democráticos, e não de dividir". Apesar do discurso, não houve muitas conversas ou esforços para atrair a participação do PSTU.

Haiti - Exército em Horário de Verão

Após os primeiros conflitos no Haiti entre ex-militares e a polícia oficial, mais uma vez o Brasil demonstrou seu espírito lúdico, presente mesmo entre os "sérios" milicos armados. As tropas do glorioso exército nacional do Lula chegaram 15 minutos após o fim do conflito e a retirada de ambas as partes. É isso aí rapaziada, sair da rocinha pra morrer no Caribe? Eu também tou fora. Quero é tomar água de coco.

Finalmente: PT apoia Chávez

Apesar do diplomático silêncio de Lula, o PT manifestou seu apoio ao governo democrático de Hugo Chávez antes do plebiscito, do qual o presidente, também aliado de Fidel Castro, saiu amplamente vitorioso e fortalecido. Chávez afirmou que agora é hora de radicalizar as conquistas de Revolução Bolivariana — série de reformas sociais que vem sendo implementadas com o remanejamento do imenso capital venezuelano proveniente do petróleo. Até sua subida ao poder, ninguém sabia que fim levavam os recursos provenientes do caro ouro negro. A corrupção era generalizada e os interesses estadunidenses fortíssimos. A Venezuela fornece 15% do petróleo que os EUA armazenam. Em cerca de 15 anos, as reservas dos EUA estarão secas. Como dizem por aí, o bicho vai pegar...

Reforma Agrária

E como neste número estamos pegando leve com o Lula, cabe citar o fato de que foram abertas 4500 vagas para funcionários do INCRA — o que dobrará o número atual e deve permitir grande avanço no processo de divisão das terras brasileiras.

Não Deixe o Brasil de Fato Morrer

Fruto de grandes esforços de amplos setores das esquerdas deste país — MST, intelectuais, artistas, movimento sindical, setores progressistas da igreja, etc — o jornal Brasil de Fato foi lançado durante o Fórum Mundial de Porto Alegre, em 2003. Hoje, dois anos depois, está passando por uma grave crise financeira. É claro que não há democracia na imprensa e que nenhuma grande empresa vai patrocinar um jornal que aponte verdades que deveriam estar caladas. Como diz o filósofo Tom Zé, "bom é o dólar, ame o *dolinha*, meu filho". A saída encontrada pelos editores foi realizar ampla campanha de assinaturas, à qual *A Palavra Latina* vem se somar por acreditar que a força da imprensa alternativa não pode ser negligenciada, e que a união faz a força. Sorte camaradas!

Assine o Jornal Brasil de Fato: (11) 3038-1432 / brasildefato@teletarget.com.br

Documentário

FAHRENHEIT 9/11

por Guilherme Braun*

Desde a sua estreia até o fim da sua exibição nos cinemas ouvi opiniões de algumas pessoas sobre o filme *fahrenheit 9/11*. Dentre essas, três críticas me pareceram passíveis de serem escritas e comentadas.

A primeira, mais "técnica", baseou-se na afirmação de que a edição do filme valeu-se de imagens diversas e de períodos e contextos os mais diferentes para, a partir daí, construir uma situação. De fato, notamos que cada vez mais o atual cinema contemporâneo se utiliza de imagens dispersas e de recortes de fatos ou cenas para montar, numa espécie de mosaico, uma narrativa mais dinâmica e envolvente, geralmente não linear. O gênero documentário também absorve essa tendência. Mas qual o problema de utilizar essa técnica? Em princípio nenhum, porém ela permite, com facilidade, a utilização dos fatos históricos numa articulação e construção ideológicas. Imagino que essa seja a crítica feita ao filme. Uma crítica forte mas que não se sustenta. Apesar de se valer dessa linguagem o filme não cria nenhum novo fato, não constrói frases que nunca foram pronunciadas. No máximo revela certos fatos, mas não altera os fatos da realidade. Edição e montagem não são utilizadas ideologicamente, o que não significa que o tema não seja ideológico.

A segunda crítica afirma que este é um filme de campanha. Afirmação um tanto comum, principalmente em época de eleições. Se hoje estrear no nosso cinema um documentário anti-Marta óbvio será que ele sirva de instrumento de campanha dos outros candidatos e seus partidos. O problema é que nos E.U.A existem apenas dois candidatos, dois partidos. Não tenho a informação de que o filme tenha sido financiado pela campanha de Kerry, pelo partido dos democratas. O fato é que o filme é declaradamente anti-Bush, logicamente o é também para a reeleição. O filme expõe um posicionamento político e o defende, para prejuízo de uns e benefício de outros.

A terceira crítica me pareceu a mais enaz. Dizia que a tão grande preocupação do filme em mostrar um Bush tão imbecil e impotente acabaria por lhe absolver. Um filme que induziria a imaginar um Bush marionete, doente mental, incapaz de agir e pensar autonomamente e, portanto,

Mistério

Por que é que os "democráticos" Estados Unidos são aliados de todas as monarquias e inimigos de todas as repúblicas do Oriente Petroleiro?

Olimpícas 1

Ainda que prejudicado duplamente - futebol feminino e maratona - o Brasil fez boa campanha mostrando que as vezes a ginga supera a falta de investimento.

Olimpícas 2

Já os EUA tiveram uma participação medíocre, e quase forma superados pelo dragão chinês na primazia do Ouro. Se o 11 de setembro não serviu para abrir os olhos do Império, certamente deixou os gringos apavorados. Nô país do Tio Sam ninguém vive em paz, ninguém treina em paz, ninguém se concentra, ninguém é feliz... Decadência total.

inocente. Tal crítica é mais pertinente pois só ela problematiza o ponto central do filme: a participação, como cúmplice ou agente do governo norte-americano no atentado de 11 de setembro (título do filme em português). O filme mostra uma fraude eleitoral, ligações político-econômicas entre Bush e as indústrias bélica e do petróleo. Mostra também as ligações econômicas entre as famílias Bush e Laden e como a condução da investigação, tanto pré quanto pós atentado, foi desleixada.

A guerra interessa econômica e politicamente aos E.U.A? E a Bush? Bush sabia do atentado? Participou dele? Bush e Bin Laden serão inimigos ou colegas? Bin Laden existe? Quem ganha com a política do terror? As respostas o filme não fornece diretamente mas imagino que um leitor minimamente atento possa, após juntar os papulinhos, opinar com mais facilidade pela culpabilidade de Bush do que por sua inocência.

O interessante desse filme é que ele permite pensar no atentado das torres como um ato de terrorismo de Estado. Para quem acha essa uma possibilidade absurda basta lembrar do mistério que ainda cerca o bombardeio de Pearl Harbour. O fato é que a instituição de políticas do terror favoreceu sempre aos mais poderosos. A partir da política do terror e do pânico qualquer atrocidade é permitida. Nós brasileiros, sempre atentos à história, temos exemplos dessas políticas no tempo do regime. Atentados à escolas e bancas de revista e o episódio do Rio-Centro não nos deixam mentir. Os culpados agora não são mais os comunistas, mas sim os terroristas. O terror tornou-se a grande arma estadunidense. Ele permite a supressão de outras culturas e a aquisição de novos mercados, ou seja, é ele que mantém legítima a expansão imperialista.

A verdade é que a economia dos EUA baseia-se, para além da "democracia", no dinheiro, no medo e na violência. A reação ao medo é sempre violenta, individual ou coletivamente. É Michael Moore, nascido e criado nesse sistema, pôde, com grande engenho, descrever o inconsciente violento da sua sociedade no âmbito da reação individual (Tiros em Columbine) e no âmbito da reação coletiva (*Fahrenheit 9/11*).

*[Filosofia/ USP]

ARTE EM PAUTA

por Daniela Passos *

Quem espera nunca alcança. E visto que a luta é grande, a classe teatral de São Paulo arregaçou as mangas e foi à luta. O primeiro passo: analisar as políticas culturais então vigentes. E encontramos como o grande protagonista da história a Lei Rouanet, que estimula a cessão de patrocínios por empresas privadas, através da dedução do valor patrocinado no Imposto de Renda do exercício seguinte.

Em troca (por, digamos, esse adiantamento de capital ao Estado), a empresa tem o direito de divulgar a sua marca em todo material de divulgação da peça. Um bom exemplo disso é a Credicard, que investiu (atenção para os conceitos e valores) R\$ 1,2 milhão na "CIE Brasil", multinacional especializada na importação de musicais da Broadway, cujo último produto é Chicago, em cartaz no Teatro Abril, acessível ao público mediante ingressos de módicos 90 reais.

A pior e mais sutil faceta desta lei, no entanto, é delegar ao capital privado a decisão da produção cultural de um país. Só entra em cartaz o que é de interesse das grandes empresas.

O segundo passo: redigir um manifesto contra o descaso que vem corroendo a cultura de nosso país. Nasce o *Manifesto Arte Contra a Barbárie*. Boa definição - barbárie. Constitui-se um Movimento. Intensificam as reuniões. Surge um projeto de lei, levado a plenário. Sai do papel a *Lei de Fomento ao Teatro do Município de S. Pau-*

lo, aprovada em 2002, que desde então destina anualmente R\$ 6 milhões do orçamento da Secretaria Municipal de Cultura para grupos que tenham projetos de trabalho continuado em pesquisa e produção teatral.

O teatro se desatreia, então, do capital privado de interesse puramente mercadológico, e o Estado novamente se imbuí da responsabilidade inalienável de fomentar cultura.

Foi a primeira vitória. A possibilidade de grupos desenvolverem pesquisa. Mesmo com os salários que atrasam, mesmo que somente uma pequena parcela seja contemplada pelos recursos disponíveis.

O próximo passo: fazer estes recursos se multiplicarem, não podemos brigar entre nós por migalhas. O que temos é apenas um início. Cabe aumentar a verba do fundo municipal e pleitear a aprovação do *Fundo Estadual de Arte e Cultura*, na ordem de R\$ 100 milhões anuais para todo o Estado em todas as áreas artístico-culturais, já em emenda de lei. Há também que se apartidarizar estes programas, evitando assim que eles se desintegram a cada mudança de governo.

Lutar, lutar e lutar. Envolver a comunidade. Divulgar cada nova conquista. Provar que a organização de uma classe é a única forma de conquistar mudanças efetivas.

**[da Escola de Arte Dramática da ECA-USP]*

Aquarela Brasileira



Veridiana Guio

A Borboleta

por Marina Cruz*



Leandra Yuma

Se tivesse que nascer de novo nesse mundo, e me fosse perguntado em que forma voltaria, responderia sem dúvidas: Quero ser uma borboleta!

Uma borboleta?? Por que em sua consciência alguém gostaria de ser um inseto?

Ora, e por que não? Pense bem. minha vida como borboleta começaria como um ovo em uma folha verde e suculenta. Eu, eclodindo do meu ovo, me esfalfaria de comer e por semanas essa seria minha única missão - devorar vorazmente folhas verdes e nutritivas. Até que um dia, por um chamado da natureza, eu iria dormir, dormir em uma casa que eu mesma, estranha lagarta, me proveria.

Os dias passariam e sem que me desse conta um belo dia acordaria e me livraria de meu exíguo casulo. Nesse momento, sob o raiar do dia, magníficas e delicadas asas coloridas se desvelariam das minhas costas. Voaria em direção ao sol e tomada por uma fome doce, sairia a procura das mais belas flores, e beberia seu néctar revigorante. Em minha deliciosa ignorância, estaria cumprindo meu importante papel na natureza; o de perpetuar a primavera. Evento que minha efêmera vida não me permitiria assistir, mas sendo uma incauta borboleta, eu não me importaria, pois ainda me falta cumprir uma última e excitante realização: encontrar uma outra borboleta - ou outras borboletas! - e numa

exibição frenética de cores e feromônios, copular loucamente em uma grande orgia festiva, antes de exausta me desintegrar, me desfazendo em pequenos pedaços levados pelo vento. O mesmo vento que me conduziu pela minha vida instintiva, porém livre, de borboleta.

**[biólogo]*

